

Narrativas e significados de experiências de quase-morte

Narratives and meanings of near-death experiences

Narrativas y significados de las experiencias cercanas a la muerte

Recebido: 21/07/2022 | Revisado:21/07/2022 | Aceito:21/10/2022 | Publicado:24/12/2022

Gilberto Lima dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6582-724X>
 Universidade do Estado da Bahia, Brasil
 E-mail: glsantos@uneb.br

Resumo

Muitas pessoas que estiveram clinicamente mortas relatam vivências extraordinárias ocorridas nesse breve tempo, após serem ressuscitadas. Baseado na Psicologia Narrativa, o presente estudo objetivou compreender como o/a narrador(a) significa a Experiência de Quase-Morte (EQM) ou experiência similar e como, em decorrência dela, ressignifica sua própria vida. Configurou-se como estudo de casos com uma abordagem qualitativa. Utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada. Os relatos dos dois participantes foram avaliados pela Escala de Experiência de Quase-Morte e analisados em termos de significados. Conclui-se que as narrativas expressam experiências de aprendizagem e de transformação profunda da identidade do indivíduo. Os sobreviventes significam a EQM como uma oportunidade milagrosa de ampliar sua compreensão sobre a vida e de reorientá-la.

Palavras-chave: EQM; Vida; Aprendizagem.

Abstract

Many people who have been clinically dead report extraordinary experiences that occurred in this brief time, after being resurrected. Based on Narrative Psychology, the present study aimed to understand how the narrator means Near-Death Experience (NDE) or similar experience and how, as a result, he/she resignifies his/her own life. It was configured as a case study with a qualitative approach. The semi-structured interview technique was used. The reports of the two participants were evaluated by the Near-Death Experience Scale and analyzed in terms of meanings. It is concluded that the narratives express learning experiences and a profound transformation of the identity of the individual. Survivors mean NDE as a miraculous opportunity to broaden their understanding of life and reorient it.

Keywords: NDE; Life; Learning.

Resumen

Muchas personas que han estado clínicamente muertas reportan experiencias extraordinarias que ocurrieron en este breve tiempo, después de haber resucitado. Basado en la Psicología Narrativa, el presente estudio tuvo como objetivo entender cómo el narrador significa la Experiencia Cercana a la Muerte (ECM) o experiencia similar y cómo, como resultado, significa su propia vida. Se configuró como un estudio de caso con un enfoque cualitativo. Se utilizó la técnica de entrevista semiestruturada. Los informes de los dos participantes fueron evaluados por la Escala de Experiencia Cercana a la Muerte y analizados en términos de significados. Se concluye que las narrativas expresan experiencias de aprendizaje y una profunda transformación de la identidad del individuo. Los sobrevivientes significan ECM como una oportunidad milagrosa para ampliar su comprensión de la vida y reorientarla.

Palabras clave: ECM; Vida; Aprendizaje.

RNUFEN

PHENOMENOLOGY AND INTERDISCIPLINARITY



© Programa de Pós-graduação em Psicologia

Introdução

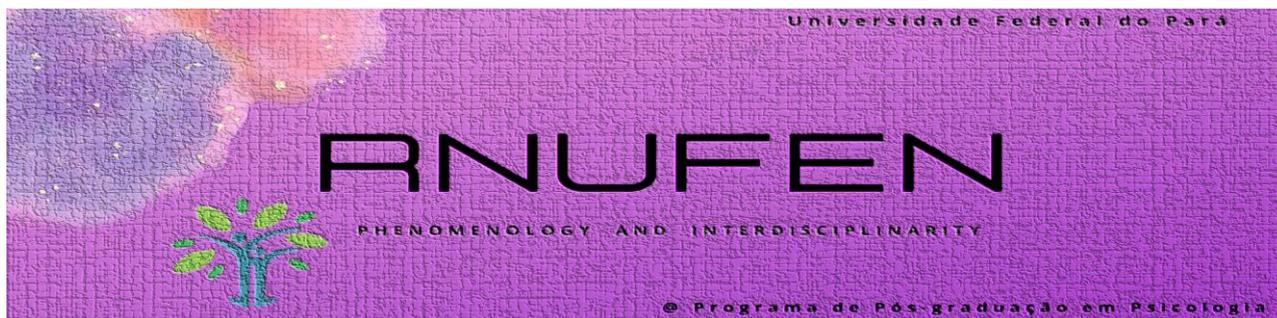
A Experiência de Quase-Morte (EQM) é um fenômeno que, desde os anos 1970, tem granjeado a atenção de muitos estudiosos, notadamente da área de saúde, dos quais citaremos alguns mais destacados adiante. A EQM tem sido compreendida como emergência de experiências conscientes e subjetivas que ocorrem durante breve período de morte clínica e são relatadas posteriormente pelo paciente. Essa peculiar circunstância em que essas vivências supostamente se desenrolam talvez seja o ponto mais controverso entre os pesquisadores. De um lado posicionam-se aqueles que encontram evidências de que a consciência é um fenômeno extracorpóreo e, de outro, aqueles que reduzem tais experiências a efeitos eletroquímicos de um cérebro em iminente colapso.

A EQM não é o único fenômeno do gênero. Ring (1996) a considera parte de uma família de experiências transcendentais relacionadas e sempre presentes em nossa vida. Para Fenwick (2013), fenômenos similares à EQM podem ocorrer em situações não críticas, quando não há ameaça iminente à vida do indivíduo, tais como durante o sono, o relaxamento e a meditação. Facco, Agrillo e Greyson (2015) também assinalam que há similaridades entre a EQM e experiências místicas relacionadas à meditação e à hipnose.

Moody (1979), pioneiro nos estudos da EQM, esboçou suas características básicas, conforme segue. O indivíduo ouve do médico a declaração do óbito e, também, um zumbido desagradável, e passa a perceber-se fora do corpo. Observa seu corpo no leito e assiste aos procedimentos médicos de ressurreição. Nesse momento, experimenta perturbação emocional, pois nota que agora tem um corpo de natureza diferente. Em seguida, sente-se movendo através de um túnel longo e escuro com muita rapidez. Do outro lado, encontra parentes e amigos já falecidos, assim como um ser de luz que o leva a recapitular panorâmica e instantaneamente sua própria vida. Aproxima-se de uma barreira entre a vida terrena e a outra. Descobre que precisa voltar à Terra, ainda que ofereça resistência, pois vivencia sentimentos de alegria, amor e paz. Retorna, então, ao corpo físico. Por último, tenta narrar o acontecido a outras pessoas e, amiúde, depara-se com o preconceito delas e com limitações linguísticas para fazê-lo.

As EQMs não apresentam necessariamente todas essas características; e estas não seguem rigorosamente essa ordem. As EQMs mais profundas tendem a apresentar mais dessas características. Suas gradações podem ser apreciadas através da Escala de Experiência de Quase-Morte (Near-Death Scale), elaborada por Bruce Greyson e traduzida para o português por Serralta, Cony, Cembranel, Greyson e Szobot (2010). Essa escala discrimina quatro dimensões da EQM: cognitiva (tempo e pensamento acelerados, compreensão ampliada, visão retrospectiva); afetiva (sentimentos de paz, prazer, unidade com o universo); paranormal (antevisão, separação entre mente e corpo); e transcendental (encontro com pessoas já falecidas e seres de luz).

Martial et al. (2017) compararam 154 narrativas escritas de indivíduos franceses e encontraram a sequência mais frequente das características da EQM: experiência fora do corpo (EFC), passagem por um túnel, visão de uma luz brilhante e sentimento de paz. Excetuando-se a passagem pelo túnel, estas seriam as características que regularmente precedem o encontro com espíritos/pessoas. Além destas, esses autores identificaram o sentimento de paz como a característica mais frequente e a visão precognitiva como a menos frequente. Eles assinalam que algumas narrativas podem apresentar apenas uma característica,



enquanto outras incluem até 15. Essa grande variabilidade, tanto na quantidade como na sequência das características, traduz a singularidade dos enredos.

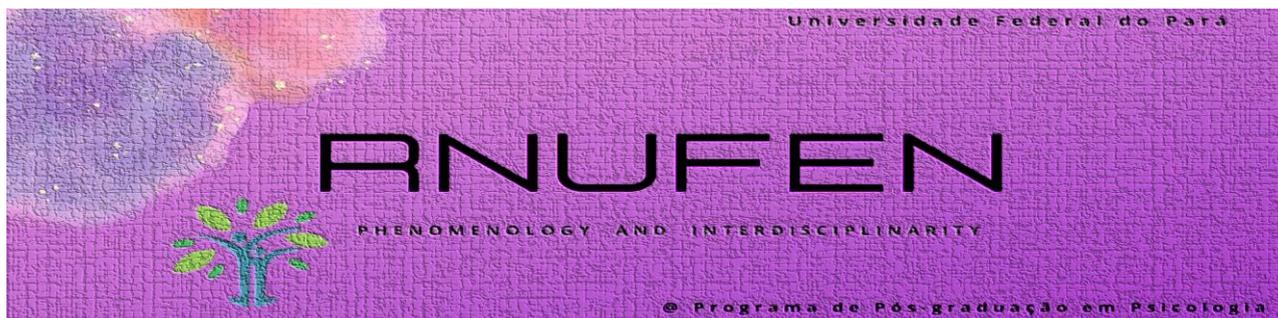
Quanto às limitações linguísticas, Fonte (2006) argumenta que nossa experiência é construída intencionalmente por meio da linguagem e ganha forma na narrativa. Curiosamente, ao mesmo tempo que possibilita a expressão da experiência, a linguagem também a limita. Em estudos sobre a EQM (Moody, 1979), os informantes afirmam que nossa linguagem é insuficiente para expressar cabalmente as vivências que tiveram. Isso reforça seu caráter extraordinário. Ainda assim, é pela narrativa que conseguimos evidenciar os significados de nossas vivências, ordinárias ou não, conferindo-lhes inteligibilidade.

Ao organizar episódios e ações de nossas vidas, relacionando-os ao tempo e ao espaço de modo coerente, a narrativa constitui e atualiza nossa identidade (Fonte, 2006). Nas narrativas de EQM, espaço e tempo são significados de modo diferente do habitual. Parece que o tempo é extraordinariamente acelerado ou que o indivíduo simplesmente sai da dimensão espaço-tempo. Quanto à identidade, esta passa por transformações acentuadas. Alcança uma abrangência inesperada, que inclui uma dimensão não terrestre. Nas EQMs mais profundas, o viajante sente que pertence ao mundo extraterrestre que ora vislumbra, sendo tomado por um intenso desejo de nele permanecer (Moody, 1979; Ring, 1996).

É perfeitamente compreensível que esse tipo de narrativa tenha gerado perplexidade e curiosidade no ambiente acadêmico, assim como franca refutação. Afinal, isso não está de acordo com os cânones fisicalistas que reduzem a mente ou a consciência ao funcionamento cerebral. Para quem argumenta nessa perspectiva, as vivências relatadas pelos pacientes não podem ser verídicas.

Auxéméry (2013), por exemplo, entende que a EQM é uma submissão do cérebro a um extremo estresse neuropsicológico em reação à morte iminente. A EQM surge como proteção contra o desenvolvimento posterior de uma desordem do estresse pós-traumático. Ou seja, a EQM funciona como mecanismo dissociativo que enseja sentimento de serenidade diante do risco de falência, ao mesmo tempo que abre caminho para a introspecção e a reflexão. Nessa mesma direção, Nelson (2014) advoga que a EQM não é um retorno da experiência de morte e que o cérebro está muito vivo durante sua ocorrência. Sua compreensão é de que, lutando para manter-se vivo, o cérebro em crise oscila entre o estado consciente desperto e o sono REM (*Rapid Eye Movement*), constituindo uma zona limítrofe ou um estado híbrido. Essa mistura tomaria a forma de complexas alucinações visuais e auditivas. Essas alucinações seriam, então, lembradas depois pelo paciente como um sonho no qual está consciente de que se trata de um sonho.

No outro lado dessa arena, Martial et al. (2019) consideram que a EQM é compatível com o processo de morrer, quanto ao estado não ordinário de consciência, e que isso é verdadeiro também em se tratando do efeito de algumas substâncias psicoativas. Com o intuito de encontrar similaridades semânticas, eles compararam 625 narrativas de EQM com mais de 15.000 relatos de experiências com 165 substâncias psicoativas de dez diferentes classes farmacológicas. Sua hipótese era que há mecanismos neurobiológicos suportando a fenomenologia da EQM, tendo como fundamento a liberação de agentes neuroprotetores endógenos. Eles encontraram evidências de que a *ketamina* não apenas produz um estado alterado de consciência



semelhante à EQM, mas, subjaz à sua fenomenologia. Além disso, eles veem a possibilidade de que seja usada terapêuticamente em casos de pacientes com doenças terminais, para aliviar a ansiedade diante da morte iminente.

A perspectiva terapêutica sugerida por Khanna, Moore e Greyson (2018) é, também, audaciosa. Embora a Meningite *Escherichia Coli* tenha alta taxa de complicações neurológicas e morte, eles analisam um caso de completa recuperação, sem sequelas, em que o paciente recordou de uma elaborada EQM que ocorrera durante seu estado de coma. Esses autores associam os dois eventos e ressaltam a necessidade de mais estudos para a compreensão dos mecanismos pelos quais essas experiências podem contribuir para a sobrevivência em adoecimentos críticos.

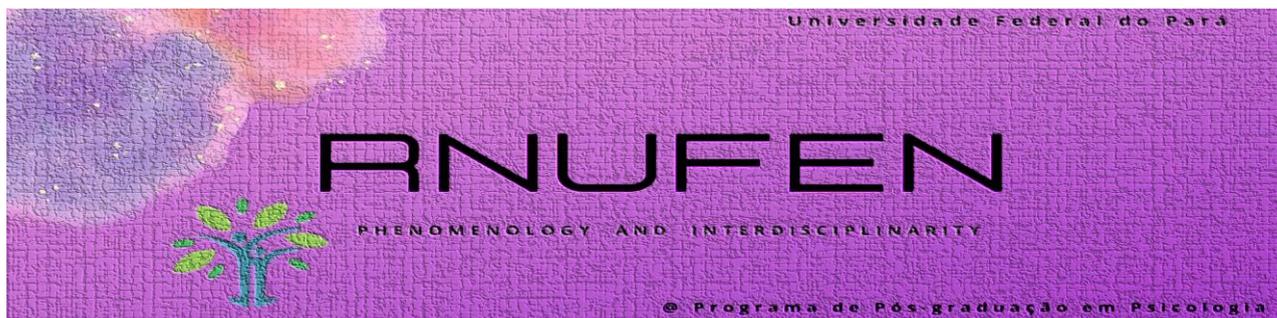
Greyson (2015) contesta, ponto a ponto, os argumentos que negam a ocorrência da EQM. Ao mesmo tempo, reconhece que a EQM não é prova do que ocorre durante o morrer, embora possa guardar similaridades. Sendo assim, ele afirma que o desafio da consciência complexa, que inclui processos reflexivos, percepções e formação de memória em momentos em que a função cerebral está severamente comprometida, sugere a necessidade de expansão de nossos modelos de consciência e de sua relação com o cérebro.

Para Fenwick (2013), somente a compreensão de que a mente é não local pode explicar aspectos da EQM que não cabem em modelos mecanicistas e deterministas. Ele cita a capacidade visual em cegos durante a EQM, o encontro com parentes falecidos, experiências verídicas durante a ressuscitação pós-parada cardíaca etc. Haesler e Beauregard (2013) revisaram estudos prospectivos de EQM induzida por parada cardíaca e concluíram que eles sugerem que a mente não é produzida pelo cérebro e não está nele encapsulada.

A despeito da relevância dessas controvérsias, o foco do presente estudo não é a verificabilidade do fenômeno. Há algo em sua produção que é inegável, que viabiliza sua constituição como tal, tornando-o cognoscível: as narrativas daqueles que o vivenciam. O entendimento que tem havido, entre alguns pesquisadores, de que a EQM é uma experiência consciente e de que a consciência é dissociável do corpo resulta de verificações ou inferências *a posteriori*, possibilitadas pela escuta ou análise de relatos. Dizer que a EQM é uma experiência consciente significa que o sujeito se apercebe da situação que vivencia durante sua ocorrência, que é totalmente privada. Ao ser narrada, a EQM se torna uma construção no campo da linguagem e da subjetividade, apreensível enquanto processo de significação. Suas repercussões alcançam tanto a identidade e o desenvolvimento individuais quanto os compartilhamentos sociais e a cultura. Ressaltamos, pois, a necessidade de compreender melhor as narrativas acerca da EQM, em se tratando de sua fenomenologia e de suas implicações na vida dos sobreviventes. Os aspectos psicossociais são, assim, destacados.

Conforme Fonte (2006), na definição de narrativa formulada por muitos autores é possível identificá-la como princípio organizador da experiência humana. Ou seja, pode-se conceber a narrativa como forma de organizar, pela linguagem, episódios, ações e relatos de ações em totalidades coerentes e orientadas quanto ao contexto e ao tempo.

Uma peculiaridade da narrativa é que ela pode ser real ou imaginária. Isto significa que não importa a verdade ou falsidade de suas sentenças, mas a sequência delas. É a sequência de eventos e estados mentais que constitui o enredo. Porém, o significado desses eventos só pode ser apreendido em consideração à posição que ocupam no enredo, na totalidade narrativa (Bruner, 2001). Portanto, para compreender uma narrativa, é necessário apreender o enredo que a configura e daí captar o



significado dos seus constituintes (Bruner, 2001). Sendo a narrativa uma construção interpretativa da realidade vivida pelo sujeito, ela é, também e necessariamente, produção de significados (Bruner, 2001; Fonte, 2006).

Podemos dizer que narrar significa relatar os eventos como eles ocorreram ou, em outros termos, compor uma história. A história alcança sua razão de ser, seu significado, ao explicar os desvios do comum – isto é, desvios daquilo que é esperado, usual, previsível – de modo inteligível. Além disso, é imperiosa a constatação de que o contador de uma história expressa inevitavelmente uma posição moral (Bruner, 2001).

Nesse sentido, Ring (1996) afirma que a importância e o sentido da EQM devem ser avaliados por seus resultados ou implicações na vida dos sobreviventes. Entre os resultados mais citados pelos pesquisadores destacamos os seguintes, que foram explicitados pioneiramente por Moody (1979) e Ring (1996): (1) diminuição acentuada do medo da morte; (2) aumento do gosto pela vida; (3) aumento da responsabilidade pela própria vida; (4) valorização do amor; (5) sentimento de união com todas as coisas; (6) valorização do conhecimento; (7) intensificação do vigor e da atividade física e mental; (8) reavaliação das coisas materiais da vida; (9) reavaliação de prioridades com sentido de urgência; (10) desenvolvimento de novas aptidões; (11) assunção de profundo senso de missão. Greyson (2015) acrescenta a emergência da crença na vida após a morte, do sentimento de ser favorecido por Deus, a elevação da autoestima e o incremento da religiosidade e da espiritualidade.

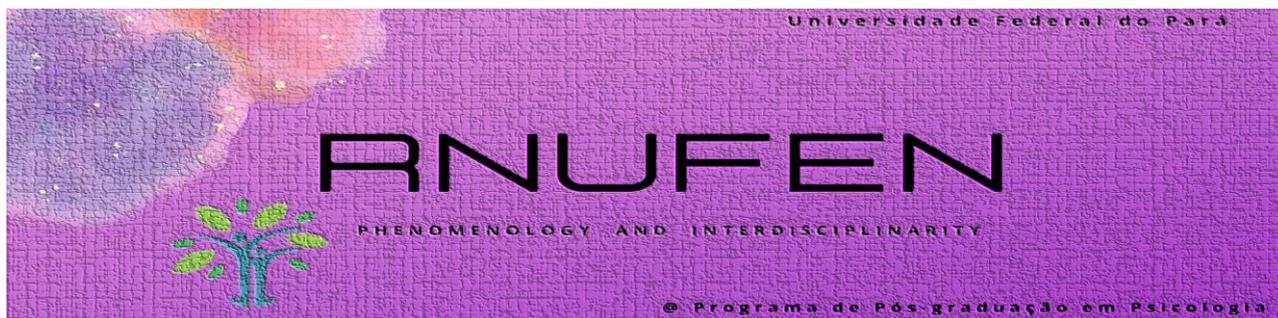
Os estudos que tomam as narrativas de EQM em si como seu objeto de análise são escassos. Além daqueles empreendidos por Martial et al. (2017) e Martial et al. (2019), citados anteriormente, encontramos o trabalho de Netto (2019), que recolheu relatos de EQM para analisar a importância da linguagem na construção de narrativas de sentido, assumindo um ponto de vista antropológico. Ele constata que o narrador atribui sentido particular à experiência e, ao mesmo tempo, expressa mudanças em seu arcabouço moral. O autor enfatiza o antes e o depois da EQM e a transformação pessoal decorrente. Ele compara essa transformação com o processo de conversão, no qual se evidencia uma ruptura com o passado.

Netto (2019) observa nos relatos uma ampliação das categorias de entendimento da vida e do mundo, que passam a incluir a dimensão transcendente, em termos de continuidade da vida após a morte. Ainda que configure o distanciamento entre a narrativa de EQM e a realidade cotidiana, esse autor constata que há uma articulação entre as dimensões individual e coletiva (cultural) que possibilita descrever, justificar, negar classificar e qualificar a experiência.

Quanto ao presente estudo, seu objetivo geral consistiu em compreender como o/a narrador(a) significa a EQM ou experiência similar e como, em decorrência dela, ressignifica sua própria vida. Objetivos específicos: (1) configurar cada EQM ou experiência similar como narrativa; (2) identificar articulações entre a narrativa e a vida do(a) narrador(a); (3) comparar as narrativas estudadas entre si e com eventuais casos relatados na literatura.

Metodologia

Para esta investigação, no formato de estudo de casos, adotamos o método qualitativo, orientado teoricamente pela Psicologia Narrativa. O propósito foi desenvolver uma análise interpretativa de relatos de EQM. Os participantes foram dois adultos, um homem de 64 anos de idade, casado, analfabeto, pedreiro e pastor de uma igreja protestante; e uma mulher, de 26



anos de idade, casada, graduada em Ciências Contábeis e adepta de uma igreja protestante. Ambos residem em uma cidade situada ao norte do estado da Bahia, mas são vinculados a igrejas diferentes.

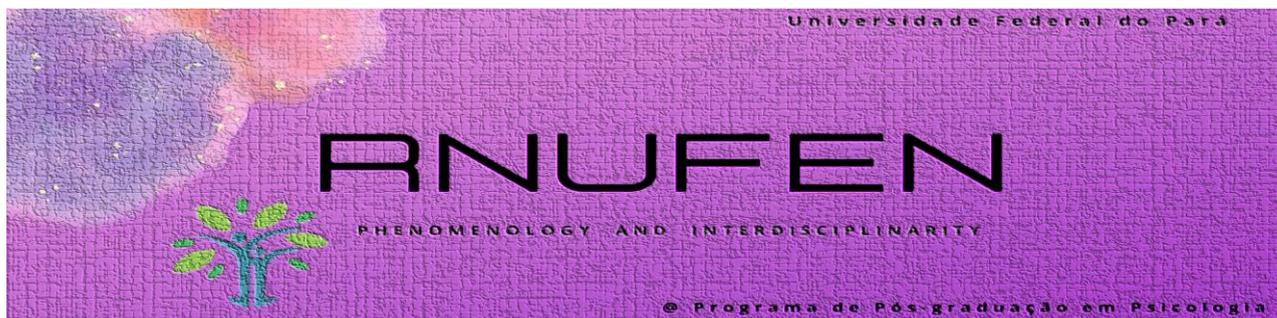
Os participantes foram encontrados a partir de indicações confidenciais de estudantes de um departamento universitário, após divulgação efetuada internamente. Seus relatos foram produzidos através de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os procedimentos foram desenvolvidos de acordo com a Resolução CNS 466/2012. O estudo conta com aprovação do Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia, através do Parecer nº 4.484.327.

Embora este estudo não se volte para a verificação da ocorrência do fenômeno, fez-se necessário saber se os relatos seriam mesmo referentes à EQM abordada na literatura especializada. Com esse propósito, os relatos foram avaliados pela Escala de Experiência de Quase-Morte – versão em português da Escala de Greyson (Serralta et al., 2010) – e analisados em termos de significados. Cada experiência deve alcançar, ao menos, sete pontos nessa escala – cujo limite máximo é de 32 pontos –, para que se configure uma EQM verdadeira ou experiência similar. Os significados são aqui entendidos como conhecimentos coletivos, compartilhados, que tornam a narrativa inteligível (Bruner, 2001). No processo de análise, inspirado na Análise Temática apresentada por Souza (2019), ocorreram os seguintes passos: (1) transcrição das entrevistas; (2) leitura e releituras das transcrições; (3) configuração de cada relato como totalidade referente à EQM e seus resultados; (4) identificação dos significados que o constituem; (5) comparação entre os dois relatos, evidenciando semelhanças e diferenças; (6) comparação entre esses relatos e aqueles encontrados na literatura. Nesse movimento, a interpretação evoluiu gradualmente do nível empírico para um nível cada vez mais teórico.

Resultados

Sônia e Paulo (pseudônimos atribuídos aos participantes) apresentaram relatos pouco comuns. Além de uma EQM, Sônia narrou uma experiência transcendente similar à EQM em termos fenomenológicos. A primeira experiência ocorreu enquanto dormia, quando contava 15 anos de idade; e a segunda, a EQM propriamente dita, cinco anos depois, quando entrou em estado de coma durante uma internação hospitalar.

Paulo teve uma EQM negativa, que é muito rara na literatura, quando esteve, também, em estado de coma, aos 33 anos de idade. Moody (1979) e Ring (1996) sinalizaram a existência de EQM marcada por vivências infernais e medo, mas reconheceram seu desconhecimento a respeito. São justamente essas duas características da experiência de Paulo que nos orientaram a classificá-la como negativa. Porém, para o narrador, a despeito do sofrimento durante a EQM, os desdobramentos dessa experiência, em termos de transformação de sua vida, são muito positivos. O único relato desse tipo de EQM, que encontramos na literatura, ocorreu no Brasil e foi apresentado por Braghetta, Santana, Cordeiro, Rigonatti e Lucchetti (2013). Além disso, após testar sua versão da Escala de Greyson com seis pessoas que vivenciaram a EQM, Serralta et al. (2010) fazem referência a quatro delas, que relataram ter sentido medo, angústia e pavor em suas experiências. Os autores salientam que os impactos dessas experiências negativas na vida dos sobreviventes ainda são desconhecidos.

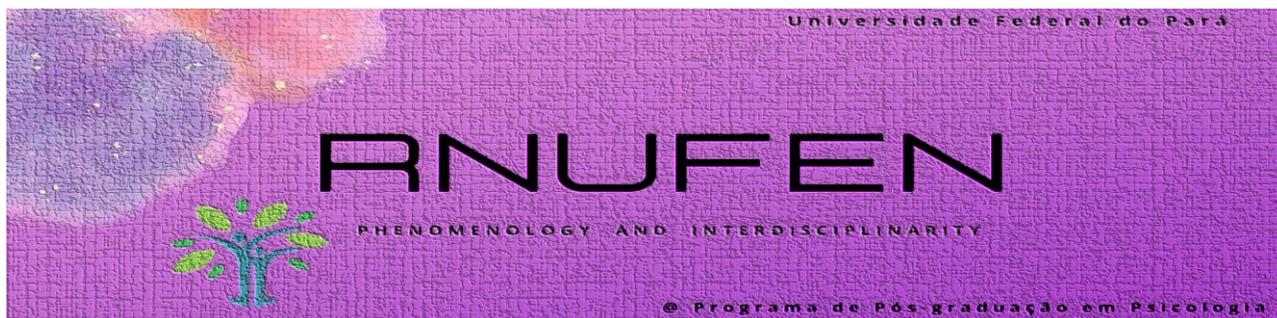


Os dois relatos de Sônia aconteceram na mesma ocasião, 11 anos e seis anos, respectivamente, após suas experiências. Quanto ao relato de Paulo, foi elaborado 31 anos depois de sua vivência. Apesar do longo decurso temporal, eles demonstraram lembrar de forma muito vívida. Moore e Greyson (2017) aplicaram um questionário caracterizador da memória (*Memory Characteristics Questionnaire*) a 122 sobreviventes de EQM e concluíram que as memórias de EQM parecem mais reais do que aquelas de eventos reais ou imaginados.

Na Escala de Greyson, a primeira experiência de Sônia obteve 13 pontos e a segunda oito. A EQM de Paulo, mais profunda, alcançou 17 pontos. Portanto, as experiências narradas foram consideradas compatíveis com aquilo que a literatura especializada configura como uma EQM. A seguir, os relatos são apresentados, de forma condensada, para propiciar uma visão de sua totalidade. Buscamos mantê-los o mais próximo possível do registro original das falas, evitando fazer correções.

O caso de Sônia - 1ª Experiência

Quando tinha quinze anos, tive um sonho de escolher. Sim, e eu pude escolher. E lá no lugar que eu estava era um lugar tão calmo! Grama verde, as pessoas conversando ali, baixinho, aquela coisa... Eu estava no primeiro ano. Foi um sonho único, começou quando me deitei e terminou quando acordei. Eu já me vi num campo verde, bem lindo. Pessoas de cabeça branca, pessoas de minha idade, pessoas mais jovens... Tinha até umas ovelhinhas branquinhas também. Que lugar é esse?! E chegava um homem todo de branco. Veio conversar comigo, só que não lembro o que a gente conversava. Uma porta sem nada, só tinha a porta. E eu perguntei: E essa porta vai dar onde? Pra você, Sônia, vai dar em nada. Fui lá, curiosa, e entrei. Quando entrei, não dava em nada, estava no mesmo ponto. Que coisa estranha! Eu continuei andando. Aí encontrei Helena. Ela: Sônia, onde é que nós estamos?! Que lugar é esse?! Eu disse: Helena, pelo que estou vendo, a gente tá morto! Ela disse: O quê?! Aí chegava o irmão dela [Carlos] e disse: Ah, não, a gente tem que sair daqui! Vamos sair por aquela porta. Eu disse: Essa porta não vai dar em nada. Só que eu esqueci o que o homem falou: “pra mim”. Era “pra mim” que não ia dar em nada! Quando ele abriu a porta, Helena estava junto de mim. Sabe o que é um monte de mão puxar uma pessoa? Puxou os dois. No que puxou, a porta fechou. Oxe, aí eu já fiquei assim... Esse negócio está estranho! Hoje, eu fico assim, isso só pode ser um anjo! Ele pegava na minha mão e a gente saía flutuando. Aí ele me levou pra um rio. Tinha lá uma pessoa se afogando. E eu disse: Tem uma pessoa se afogando ali. Você tá vendo? Aí ficava quieto. Sou eu?! Ele só fazia assim [assentia com a cabeça]. E eu: Meu Deus, não sei nadar, vou morrer afogada! O que faço?! Ele só fazia assim [assentia com a cabeça], aí eu me acalmava. Ele me levou pra outro lugar. Era o ônibus, onde ia ter a reunião da mocidade e tal... Só que estava só a minha bolsa. A poltrona onde ia sentada estava vazia. Aí, a gente voltava pro mesmo gramado. Eu dizia assim: Meu Deus, vou morrer afogada! Ainda bem que estou aqui! Aí lembrava que na Bíblia dizia que a cidade preparada por Deus não tinha sol. E eu olhava logo pro céu, procurando pelo sol e não tinha sol. Era dia. Aí ele disse assim: Agora está na hora de você ir embora, de voltar. E eu perguntava: De voltar pra onde?! Quando acordei, fui pra escola. Os meninos estavam organizando o quê? Um passeio pro rio de Ponto Novo. Na hora, eu falei: Carlos, se tu for, vai morrer afogado! Ele disse: Tu tá é doida! Eu disse: Helena, se tu for, vai morrer afogada! Ela disse: Oxe, que nada, Sônia! Não sei o que aconteceu. Helena não foi. Eu fui fazer uma prova na segunda-feira. Na escola, a professora falou: Hoje, não vamos fazer a prova, vamos pra casa de Carlos. Quando ela falou assim, meu coração já! Pronto, no mesmo dia que



teve o passeio pro rio, teve um encontro da mocidade. Aí eu não fui pro encontro da mocidade, eu fui participar do velório do Carlos.

2ª Experiência

Eu fiquei gripada. E, na terceira semana, como não melhorava, fiquei tossindo, fui procurar orientação médica, e no raio X constou que eu estava com pneumonia. Mais um pouco e seria pneumonia dupla. E aí eles me deixaram internada. Quando tinha quatro dias de internada, aplicaram uma injeção errada. Tive reação alérgica e entrei em coma. Foram dois dias em coma. Não tenho muita lembrança do que aconteceu. Só sei que, quando me virei, me vi deitada na maca. Eu diria que foi linda! Lembro até hoje a cor da camisola que estava. Era uma camisola de bordinha laranja, de florzinha laranja, sem manga. Tinha Dr. X e Dr. Y e um terceiro homem, não lembro bem quem era. E eles estavam tentando me reanimar. E aí, comecei a caminhar em direção da porta. Não enxergava o corredor normal. A porta estava assim com um claro bem intenso. Sabe quando você olha assim e vê só o clarão e mais nada? Como você olhar pro sol. Só que eu suportava olhar. Eu olhava e só via aquela claridade. Não via o corredor e as outras portas. E uma voz que me chamava: Vem! Vem! Olhei de novo pra mim [seu corpo na maca] e olhei pra porta. Sim, eles [os médicos] estavam me reanimando, fazendo massagem cardíaca. Vamos tentar de novo! Mais uma vez! Lembro quando ele falou assim: Vai ser a última! Olha o tempo! Um médico olhou pro outro. Não sei se já era muito tempo desanimada, sem respirar, alguma coisa assim. Eu tive a impressão e disse: Se eu atravessar essa porta, vou morrer! Não, eu ainda não vou; agora não. Foi quando voltei já sem fôlego. Dr. X disse: Você quer me matar do coração?! Reaja! Reaja! Depois eu soube que tive parada cardíaca. E tenho essa impressão, se tivesse atravessado realmente aquela porta, teria morrido.

O pós-EQM

Isso mudou minha vida! O estado emocional. Eu era uma pessoa muito racional. Depois disso, passei a olhar mais com um olhar emocional. Antes, não me importava muito com o ser humano. Mesmo sendo evangélica, tinha uma coisa que o problema era seu e resolva. Hoje, se vejo uma pessoa passando fome, com dificuldade, se puder ajudar, eu ajudo. Às vezes, ainda vem aquele lado assim, sabe? Depois, eu volto atrás e penso: Não é assim. E eu pude perceber isso depois que voltei do coma. Eu diria que meu contato com Deus... Fiquei mais íntima. Passei a conversar assim mais demorado. Conversar mesmo, como se estivesse com um amigo. Porque, até então, eu fazia uma oração assim muito na terceira pessoa. Tinha que usar toda aquela expressão: Senhor, Vossa Senhoria, Vossa Excelência. E, hoje, não. Passei a viver mais intensamente também. Sempre valorizei muito o lado material. Depois disso, percebi que o material é importante, mas não é tudo. Eu acredito que a morte seja uma coisa difícil pra cá, mas, depois que a gente passa por tudo isso, não é aquela coisa que a gente... E lá no lugar que eu estava era um lugar tão calmo! Grama verde, as pessoas conversando ali, baixinho... Eu temo quando penso assim, se morresse hoje estava deixando a minha mãe. E ela é uma pessoa bem dependente de mim. Meu pai é vivo. Mas, pelo fato dela ser muito apegada à minha pessoa, é em quem eu penso primeiro. Penso em estar deixando as pessoas que gostam de mim. Mas, eu, meu espírito, não! A dor da carne, tudo passa. Eu tenho mais medo de ficar em cima de uma cama muito tempo, sofrendo e dando trabalho. Mas, da morte em si eu não tenho medo.

RNUFEN

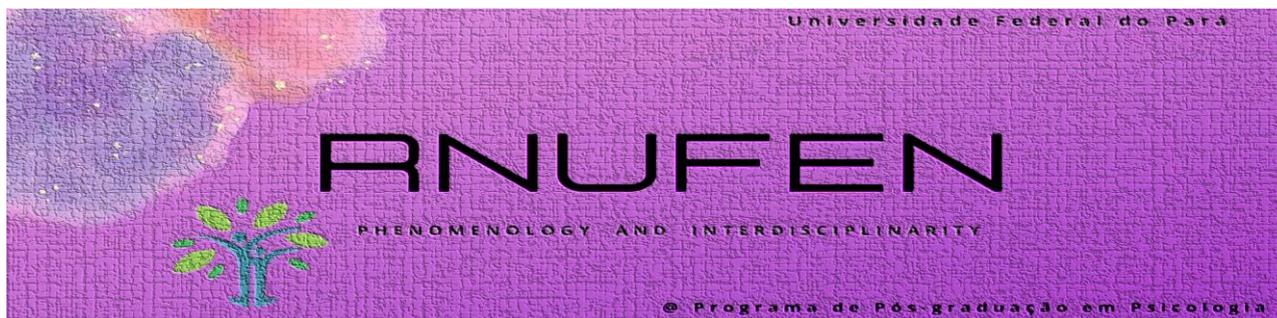
PHENOMENOLOGY AND INTERDISCIPLINARITY



© Programa de Pós-graduação em Psicologia

O caso de Paulo

Eu tinha 33 anos, gostava muito de beber e de sair. Um dia, tomei umas cachaças. Um rapaz tinha dito que ia botar um material pra mim, que trabalho de pedreiro até hoje. E eu disse: Vou tirar um portão pra você passar com o carro. Quando fui tirar, um cara chegou por trás de mim e atirou. Eu caí na hora. A bala entrou aqui, ó [nas costas], e saiu no umbigo. Quando me levaram pro hospital, eu perdi o sangue todo. E o médico disse: Dona Dalva, seu irmão tem 90% de chance de morrer. Quando eles saíram, eu apaguei. Alguém chegou, superior a nós todos. Chegou e disse: Tu disse que não existia inferno? Vou te mostrar onde é. Ouvia a voz, uma voz que não era de pessoa humana: Vamos ali que vou te mostrar que existe inferno, sim. E eu não dizia mais nada, porque do outro lado da vida, a gente não abre a boca pra falar. A gente só escuta e fala com o cérebro, e entende com o cérebro, não sei como é aquele negócio, que eu passei pouco tempo lá. Ele me levou. Passou numa velocidade tão grande, até chegar nesse lugar! Havia como um buraco no chão. E ele disse: Olha pra frente! Por trás de mim, havia como se fosse um refletor, que clareava as pessoas lá na frente. Ali tinha gente cortado, a barriga de fora, o fato de fora, com a banda da cara cortada... Tinha gente de toda espécie. Eu perguntei: Por que vocês estão aí? Um disse: Nós estamos aqui porque não ouvimos o homem lá de cima. Vocês têm a oportunidade de não vir para aqui. Mas nós só estamos esperando o homem de lá de cima nos julgar. Eu disse: Deixa eu passar pra lá! Ele disse: Não, entre nós e vocês tem um abismo! Olha pra baixo! Quando eu olhei pra baixo, a terra fervia. Era como se fosse petróleo pegando fogo. Era uma labareda de uns 30 a 40 cm de altura. Aquela terra vermelha, aquele fogo vermelho. E eu clamei: Jesus dos crentes, tende misericórdia de mim! Eu queria alguém que me salvasse, me tirasse dali. Quando olhava pra baixo, eu via aquele fogo, era como se fosse uma panela. Queimava e levantava aquele sebo horrível! E gritavam com as vozes esquisitas! E eu disse: Meu Deus, tendes misericórdia de mim! Me salve desse lugar, Senhor! Quando eu sinto isso, sinto como que tô vivendo aquele dia ainda. Desculpe eu estar chorando. O negócio é sério. Aí, ele disse: Tá vendo que existe inferno?! E entre nós e eles há um abismo, olhe lá, abismo é isso aí. Para aqueles que não ouvirem as minhas palavras... Aí foi que entendi quem era que estava falando comigo! “Quem não ouvir a minha palavra, há de ser jogado nesse lugar!” Aí, eu clamei mais uma vez. Foi três vezes que eu clamei por Jesus. Nisso, ele disse: Vamos ali. Ele pegava nesse dedo aqui [dedo médio] e me levava voando. Mas era uma velocidade tão grande! Igual ao pensamento. Me trouxe pro cemitério de São Lázaro. “Tá vendo seu sepulcro aí? Se tu não ouvir a minha palavra, tu vai vir pra este lugar!” Vi o caixão, a tampa do caixão de lado, e meu corpo não estava lá dentro. Me levou também ao Hospital Regional, onde meu corpo estava. Foi aí onde eu estranhei, pois eu nunca sabia que eu era tão pequeno. O espírito mais ou menos de 60 cm e eu estirado na cama, intato, sem vida nenhuma. E aquele alguém que me trouxe parou abaixo do teto, mais ou menos uns 30 cm. Disse: Entra nele! Aí, aquele espírito dizia: Não, o corpo dele está sujo, está imundo, eu não vou entrar! Mas, aquela voz dizia: Entra nele, pois a vida dele não está completa, tenho muita coisa pra fazer na vida dele. Entre nele agora! Foi quando meu espírito entrou em mim. Eu respirei. Foi quando dei conta que tava vivo ainda. Dr. Augusto já estava ali, fazendo a autópsia! Botava na pedra onde ficam os mortos. Quando ele tava nisso, disse: O milagre aconteceu! O rapaz viveu! Foi quando me operaram.



O pós-EQM

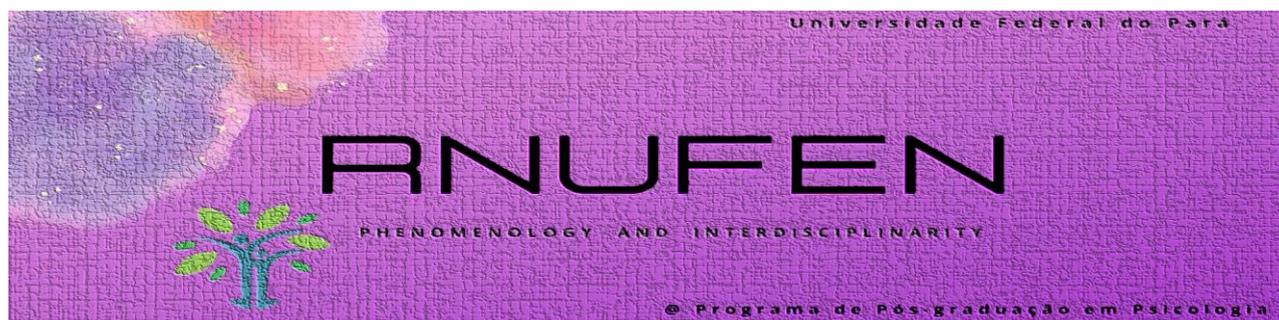
Era incrível. Não gostava de crente. Minha irmã era crente. Eu queria viver uma vida à minha vontade. Mas não era o que Deus queria. Eles me convidavam muitas vezes, mas eu dizia: Não, agora não, quando eu tiver 60 anos. Porque eu pensei que só morria velho, novo não morria. Mas o diabo queria me levar era com 33 mesmo! (risos). Já era casado. Tinha três filhos. Mudou minha condição financeira, espiritual. Mudou tudo. Porque eu não tinha nada. Tudo que tinha era pra destruir. E, hoje, graças a Deus, tenho minha casa, minha família, minhas filhas estão todas formadas. Todo mundo abençoado. Tenho carro, uma igreja pra trabalhar. Mudou porque, veja bem, se eu visse uma pessoa morrendo, era uma festa, morreu mais um. Hoje, quando vejo alguém sofrer, quero sofrer com ele. Seja ele quem for, eu conheça ou não. Quero é resgatar ele daquela situação. Se vejo alguém na desgraça, na prostituição, no cigarro, na macumba, naquilo que Deus não se agrada, eu quero arrancar ele de lá nem que seja na marra (risos). Porque o amor de Deus dentro da gente é uma coisa incalculável. O amor de Deus é tão grande que fez eu dizer: Deus mudou de tudo na minha vida! Eu tinha medo da morte porque não sabia o que significava. Porque a morte era morreu, acabou, como se fosse um animal. E comecei a trabalhar e a amar as pessoas. Eu gostava, agora amo de verdade. E espero que as pessoas entendam que a vida não é só aqui, perambulando pra lá e pra cá e, quando morrer, acabou. Morreu, tem uma conta a prestar. Foi isso que Jesus foi lá me mostrar. Eu tenho certeza que era Jesus. Rapaz, estar naquele lugar é tão ruim, que nem [para] meu pior inimigo aqui na terra eu quero. Mas, a maior coisa que eu tenho em minha vida é ser crente em Jesus Cristo. Coisas materiais, pra mim, é coisa em segundo lugar.

Discussão

A EQM

Como se constata pela Escala de Greyson (Serralta et al., 2010), muitas das características da EQM (ou experiência transcendente) se apresentam nos casos de Sônia e de Paulo. Incluem-se a experiência fora do corpo, a flutuação, a telepatia, o deslocamento a velocidades extraordinárias, a luz de intensidade incomum, o contato com seres espirituais, a antevisão, a barreira etc. Suas narrativas explicitam duas vias de acesso à experiência: o sono e a parada cardíaca. A primeira apontada por Fenwick (2013) e a segunda mais frequentemente focalizada na literatura (Ring, 1996; Haesler & Beauregard, 2013). Em relação a ambas surgem três tópicos basilares: zona fronteira, barreira e exercício da escolha.

A zona fronteira sinaliza que há dois mundos e a possibilidade de que os viajantes por aí transitem com possibilidade de retorno, desde que não ultrapassem a barreira na borda posterior. Daí a relevância do processo de escolha, que pode ser melhor entendido à medida que se configura como parte de um processo mais amplo de aprendizagem, conforme explicitaremos adiante. Não se tem dado a devida atenção ao processo de escolha em si, mas ao momento do retorno (Moody, 1979; Ring, 1996), que pode ser voluntarioso ou compulsório. Trata-se de uma escolha definitiva, sem chance para o arrependimento. Nesse momento, para Sônia, por exemplo, fica claro que ultrapassar essa barreira significa optar pela finalização do processo de morrer (“*Eu tive a impressão e disse: Se atravessar essa porta, vou morrer!*”). Para Paulo, que, diferentemente, é conduzido pela zona fronteira até a borda posterior, a barreira (o abismo) é em si mesma um impedimento.

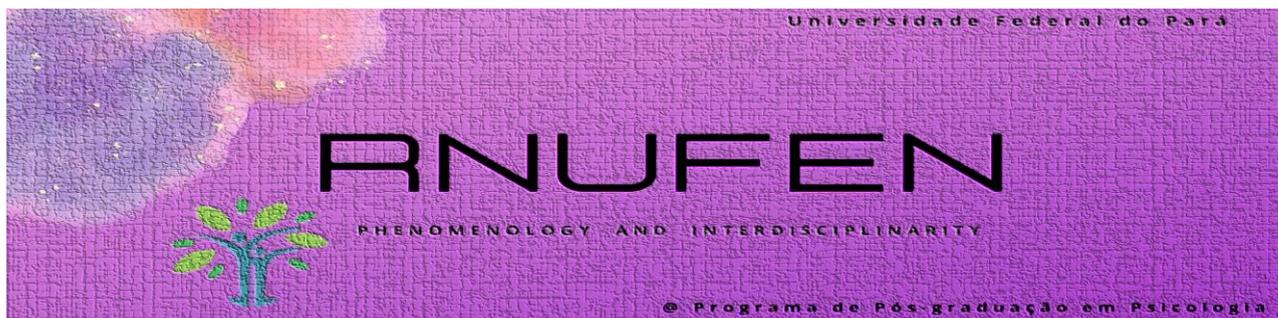


Ainda assim, o que Sônia vivencia durante a parada cardíaca é a dúvida, pois o vislumbre do outro mundo como possível destino exerce certo fascínio (“*E uma voz que me chamava: Vem! Vem! Olhei de novo pra mim e olhei pra porta*”). Na primeira experiência, ela já sentira isso. Simultaneamente, e sendo ainda viável o regresso, a vida terrena com seus entes queridos também pode exercer atração. No caso de Sônia, o que lhe puxa de volta é o vínculo com sua mãe. Ring (1996) refere-se a esse momento como “crise de decisão”, mas observa que o retorno pode ser também compulsório. Assim acontece com Sônia, na primeira experiência, e com Paulo. Apesar de ter rogado para ser retirado da borda do inferno, Paulo reluta em regressar ao corpo físico, sentindo repulsa por seu aspecto sujo. Sua experiência difere da de Sônia, nesse aspecto, e se aproxima do estranhamento, apontado por Moody (1979) como algo que acomete alguns viajantes quando observam o próprio corpo físico.

Para Sônia, a experiência de se perceber fora do corpo só se realiza a partir da parada cardíaca, não durante o sono. Contudo, ambas as experiências têm o momento de voltar. Na EQM propriamente dita, Sônia assume totalmente a decisão, com base em uma reflexão avaliativa, enquanto ouve uma voz que lhe vem da luz que emana da porta do hospital (“*Vem! Vem!*”), de um lado e, de outro, vê seu corpo inerte na maca (“*Eu diria que foi linda!*”), com os médicos a lhe assistir. Ring (1996) categoriza como “estado de consciência dual” essa percepção simultânea da realidade física e da realidade transcendente. Contudo, o que vemos no relato de Paulo é algo mais complexo. Além do seu corpo físico, ele percebe seu corpo transcendente como se o observasse de fora, de modo tal que é capaz de estimar sua estatura em 60 cm. É possível depreender que, se a consciência não está encapsulada no corpo físico (no cérebro), como Haesler e Beauregard (2013) concluíram, tampouco é circunscrita pelo corpo transcendente. Isto corresponderia à noção de não localidade da mente, conforme Fenwick (2013) defende, expandida para o plano transcendente.

Em sua primeira experiência, Sônia já passa por um processo decisório, como ela própria assinala (“*Quando tinha quinze anos, eu tive um sonho de escolher. Sim, e eu pude escolher*”). Todavia, nessa ocasião, sua decisão é precedida por uma espécie de aprendizado observacional. Ela é obrigada a voltar da zona fronteira, mas pode decidir evitar sua morte, após despertar, ao desistir de participar da viagem de lazer com os colegas do grupo religioso. Na segunda experiência, a decisão de Sônia precede seu retorno ao corpo físico, que surge como movimento dela decorrente. Na primeira experiência o retorno ao corpo físico é determinado pelo guia. Entretanto, ainda que ela tenha sido guiada na primeira experiência, em ambas houve o exercício da autonomia, pois sua escolha evita a consumação da morte.

Quanto à zona fronteira, notam-se diferenças importantes. Na segunda experiência, Sônia está bem próxima da borda posterior – algo bem diverso da experiência de Paulo –, ao sair do corpo físico, pois essa borda se confunde com a porta do hospital, de forma nebulosa, ainda que intensamente luminosa. Na primeira experiência, a zona fronteira é ampla e nítida. Há uma ambientação distinta da vida terrena, sugestiva da transcendência, com a borda posterior marcada por uma porta desprovida de sustentação, à guisa de barreira. Sugere a existência de outro mundo, organizado em outra ordem, que possibilita, inclusive, o deslocamento individual pelos ares, sem qualquer suporte veicular, a não ser a mão do guia. Em sua fase final, essa primeira vivência de Sônia parece situar aquele mundo fora da dimensão temporal. Ela e o guia observam o futuro a transcorrer aqui. Esse pormenor assinala algo muito curioso relativo à percepção e vivência do tempo. Desse outro mundo, ou dessa zona fronteira, o futuro do mundo de cá é perfeitamente acessível, como algo que está em curso.



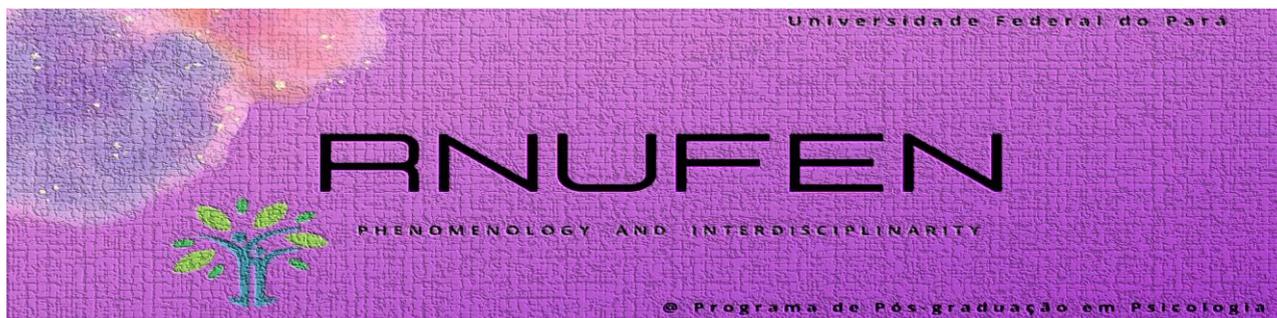
A despeito disso, há de se observar que essa visão do futuro comporta um componente simbólico interessante. Sônia não se vê no ônibus, mas identifica seu lugar quase vazio. Há ali um identificador de sua ausência: sua bolsa. A bolsa aparece como um lembrete para seu posterior processo decisório. Antes disso, ela se vê em afogamento no rio, como antevisão de um futuro possível, dependente desse processo decisório.

Em sua primeira experiência, Sônia parece ser orientada a perceber a possibilidade de escolher a evitação da morte e, sobretudo, perceber a possibilidade de efetuar essa escolha como uma espécie de treino para o que viria depois, em sua segunda experiência. Sua primeira escolha é prévia, enquanto a segunda se dá durante a experiência de morrer. O que intuímos aqui parece algo bastante relevante, que é a possibilidade de que um indivíduo vivencie um processo de aprendizagem sobre a morte com solução de continuidade entre duas experiências transcendentais diferentes.

Assim como Sônia, na segunda experiência, Paulo também se percebeu fora do corpo. Embora esta condição somente tenha ficado clara ao final do relato, sua experiência foi aparentemente bem mais densa do que a de Sônia. Ele realizou uma viagem através da zona fronteira, a partir do hospital, sendo conduzido por um guia – como ocorreu com Sônia em sua primeira experiência. Paulo vivenciou um deslocamento em extraordinária velocidade. É preciso ressaltar que o guia, ao realizar esse deslocamento pelos ares, conduz o viajante pegando em sua mão, nos dois casos. A experiência fora do corpo, o encontro com seres transcendentais e esses deslocamentos ultra rápidos são características básicas da EQM apontadas por Moody (1979) e Ring (1996).

Ainda em se tratando da zona fronteira, há diferenças marcantes. Em vez de um cenário bucólico como o encontrado por Sônia, em sua primeira experiência, Paulo foi surpreendido por uma borda posterior infernal. Havia ali também uma barreira (uma vala ou abismo em chamas). Moody (1979) assinala a emergência de formas diversas pelas quais a barreira se apresenta. A forma como essa zona fronteira afetou Paulo foi muito contrastante com aquela vivida por Sônia. Ela experimentou uma atmosfera de paz, de tranquilidade, ainda que com alguns sobressaltos. Ele foi afetado de modo dramático pelos horrores que viu e pela advertência do guia (*“Tá vendo que existe inferno?! E entre nós e eles há um abismo, olhe lá, abismo é isso aí! Para aqueles que não ouvirem as minhas palavras...”*). Ainda assim, ele se inclina a ultrapassar impulsivamente a barreira. É curioso que, por um instante, Paulo tenha sentido atração pelo lado de lá – assim como ocorreu com Sônia –, apesar do cenário tenebroso que observa. Parece movido pelo sentimento de culpa, assumindo sua condenação e, ao mesmo tempo, conectando-se empaticamente com aqueles que sofrem. Somente após ser instado a parar é que ele é tomado pelo desespero e implora para ser afastado dali.

Sendo assim, pode-se perceber que a EQM de Paulo se caracteriza como sendo negativa e a de Sônia positiva, como Moody (1979) e Ring (1996) tipificam. Fica claro que toda a viagem de Paulo foi marcada por alta pressão emocional direcionada ao seu convencimento acerca da existência do inferno. No caso de Sônia, o que ela teve na primeira experiência foi uma sequência de sugestões premonitórias que a orientaram para uma escolha de evitação da morte. Esta escolha seria concretizada após seu despertar. Pode-se dizer que, nas duas experiências, Sônia foi submetida a uma pressão bem mais branda do que a recebida por Paulo. Porém, observamos que suas experiências não são totalmente positivas. Há momentos de susto,



apreensão e medo na primeira experiência e, no mínimo, uma hesitação ansiosa na segunda. Isto nos leva à consideração de que uma mesma experiência pode conter aspectos positivos e aspectos negativos, ainda que sejam identificáveis os aspectos predominantes que viabilizam sua tipificação.

Cabe enfatizar que a autonomia de Paulo foi pouco exercitada ao longo de toda a sua viagem, mas aparece em três momentos: quando ele intenta ultrapassar a barreira, quando roga para ser retirado da borda infernal e quando resiste a voltar ao corpo físico. Apenas seu afastamento da borda infernal resultou bem-sucedida. Foi demovido da ideia de ultrapassar a barreira e reingressou compulsoriamente no corpo físico. Esse reingresso foi precedido pela indicação do guia de que sua vida comportaria ainda muito trabalho a realizar. No caso de Sônia, o exercício da autonomia foi crescente. Em sua segunda experiência, ela escolheu de modo bastante autônomo. Ao fim e ao cabo, é possível entrever nas duas narrativas que há uma inclinação, mais ou menos sutil, para a preservação e cultivo da liberdade de escolha, a despeito das pressões e do caráter compulsório de algumas ações.

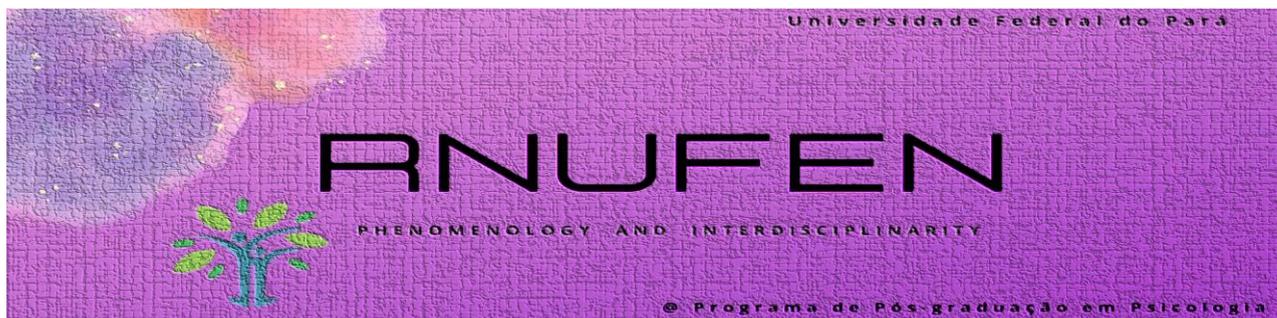
Ao compararmos esses dois casos, podemos perceber dois processos de aprendizagem distintos. Moody (1979) se refere às lições trazidas da EQM por quem a viveu. O processo de Paulo é mais centrado na dimensão emocional, tendo o medo como principal força motivacional. No caso de Sônia, o que surge com mais proeminência é a dimensão reflexiva, na qual se desenha um movimento em direção à compreensão.

O pós-EQM

Com efeito, a EQM parece guardar estreita relação tanto com a vida prévia do narrador quanto com suas mudanças posteriores. A descrença de Paulo estava vinculada à sua forma indiferente ou odienta de lidar com as outras pessoas (“...se eu visse uma pessoa morrendo, era uma festa, morreu mais um”) e ao seu estilo de vida autodestrutivo (“Tudo que eu tinha era pra destruir”). Essas inclinações sugerem, sem dúvida, um forte predomínio do ódio, que é uma das matrizes da vida afetiva, como Bock, Furtado e Teixeira (2008) assinalam. Tanto Sônia (“Antes eu não me importava muito com o ser humano”) quanto Paulo (“Hoje, quando eu vejo alguém sofrer, quero sofrer com ele”) inserem em suas vidas, após a EQM, o exercício da empatia e da compaixão no encontro e na convivência com os outros. A empatia e a compaixão se apresentam como expressões bastante eloquentes da outra matriz do desenvolvimento afetivo, o amor (Bock et al., 2008).

Os narradores situam a EQM como um divisor de águas em suas vidas. Conferir sentido à EQM é conferir sentido à própria vida. Isso requer a percepção de um antes e um depois, como Netto (2019) observou. Ao trazer à tona o depois, que inclui sua vida atual, eles mostram como esta carrega as mudanças produzidas a partir da EQM. Sônia afirma: “Isso mudou minha vida! Eu era uma pessoa muito racional. Depois disso, passei a olhar mais com um olhar emocional”. Paulo declara: “Eu tinha medo da morte porque não sabia o que significava. Porque a morte era morrer, acabou, como se fosse um animal. E eu comecei a trabalhar e a amar as pessoas”.

Sônia salienta basicamente quatro grandes mudanças em sua vida a partir da EQM. Ela se tornou muito mais empática e capaz de sentir compaixão por outras pessoas; os bens materiais perderam a importância que tinham antes; perdeu o medo da morte; e passou a se sentir amada por Deus, de quem passou a se perceber muito mais próxima. A religiosidade e a espiritualidade se tornaram prevalentes. São mudanças já apontadas por Moody (1979), Ring (1996) e Greyson (2015).



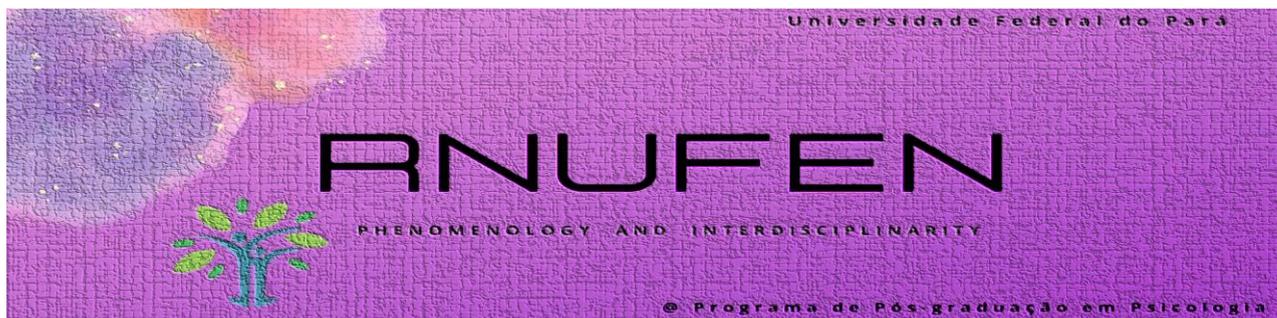
Por sua vez, Paulo configura em si mesmo uma transformação radical em vários aspectos. Refere-se ao bem-estar em família e aos seus bens materiais adquiridos como sendo dádivas divinas, como consequência de sua transformação religiosa. Braghetta et al. (2013) identificaram um processo de conversão religiosa no caso de EQM que relataram. Netto (2019) situa a conversão como uma narrativa que explicita uma transformação ocorrida entre um antes e um depois de um acontecimento, constituindo novos modos de ser. Sendo assim, talvez apenas a experiência de Paulo remeta a uma conversão religiosa, considerando-se que, antes de sua EQM, ele recusava a religião em sua vida. As mudanças vividas por Sônia podem ser vistas como conversão em outros sentidos, em relação, por exemplo, ao seu quadro de valores, pois, antes de sua EQM, ela já exercitava sua religiosidade.

Sendo assim, é em segundo plano que Paulo passa a situar “as coisas materiais”. Em primeiro plano, ele reconhece o amor de Deus que percebe em si, sua crença em Jesus, sua vida como missão religiosa, devotada ao amor às pessoas e ao intuito de salvá-las. Além disso, assinala sua superação do medo da morte. Essa superação geralmente é apontada como efeito da EQM (Moody, 1979; Ring, 1996; Serralta et al., 2010; Braghetta et al., 2013; Haesler & Beauregard, 2013; Netto 2019). Moody (1979), Serralta et al. (2010) e Greyson (2015) identificam esse sentido de missão como algo também recorrente.

O processo de transformação pós-EQM inclui a conversão do ódio em amor e o preenchimento do vazio da indiferença também com o amor. Moody (1979) dimensiona a centralidade do amor na EQM. Sônia e Paulo estão convictos de que foram afetados pelo amor divino. Isto, por sua vez, significa que Deus os ama. Portanto, sentir-se apto e inclinado a amar o outro decorre de sentir-se amado, como Ring (1996) argumenta. Sentir-se amado por Deus sugere a percepção de ser especial, reconhecidamente digno e valoroso. É bem provável, então, que isso eleve a autoestima, como Greyson (2015) salienta, e robusteça a resiliência diante das dificuldades cotidianas, porquanto implique na superação de sentimentos inadequados de inferioridade ou de superioridade. Cabe lembrar aqui que Fonte (2006) sinaliza o papel da narrativa como atualizadora da identidade. Sônia e Paulo se percebem, hoje, diferentes de como eram antes da EQM.

Parece, pois, razoável a conclusão de Cassol, D’Argembeau, Charland-Verville, Laurey e Martial (2019) de que as memórias de EQM podem ser consideradas como auto definidoras. Isto é, podem ser vistas como memórias autobiográficas, emocionalmente intensas, que refletem temas e conflitos importantes da vida da pessoa. Essas memórias compõem a identidade e contribuem para o sentido de sua continuidade, mantendo uma conexão entre passado e futuro.

Conforme os ensinamentos de Bruner (2001), a narrativa se apresenta como uma totalidade que pode ser compreendida como uma história. Esta, por sua vez, desenvolve-se com base em uma trama. Mais do que isso, essa história tende a se constituir como um desvio daquilo que é comum em determinada cultura. De modo geral, um relato de EQM é assim. Netto (2019) nota isto em sua pesquisa. Indubitavelmente, a narrativa da EQM realiza um intenso desvio do comum. A saída do corpo físico já configura algo extraordinário, mas apenas inicia o processo. As excepcionalidades se ampliam à medida que o sujeito se move e adentra um mundo exótico e inesperado. Nos casos aqui analisados, essas excepcionalidades ocorrem na zona fronteira. A comunicação face a face baseada na vocalização e as limitações físicas relativas à lei da gravidade deixam de fazer sentido, pois torna-se possível não apenas flutuar, mas deslocar-se a velocidades comparáveis à do pensamento; e até mesmo a relação entre espaço e tempo se apresenta em outros termos.



De acordo com Capra (2013), as noções de espaço e tempo são construções intelectuais para entender a natureza e nossa relação com ela. Não são inerentes à natureza ou ao ambiente em si. Para a Física moderna relativística, espaço e tempo interpenetram-se, constituem uma unidade, um *continuum* quadridimensional em que passado, futuro e presente são dados em bloco. Ainda segundo Capra (2013), isso aparece como um único momento na vivência meditativa dos místicos orientais. Sendo assim, isso sugere que determinados estados alterados de consciência podem franquear o acesso a esse nível da realidade em que o sujeito é destituído daquelas construções intelectuais. A visão premonitória de Sônia poderia ser entendida desse modo.

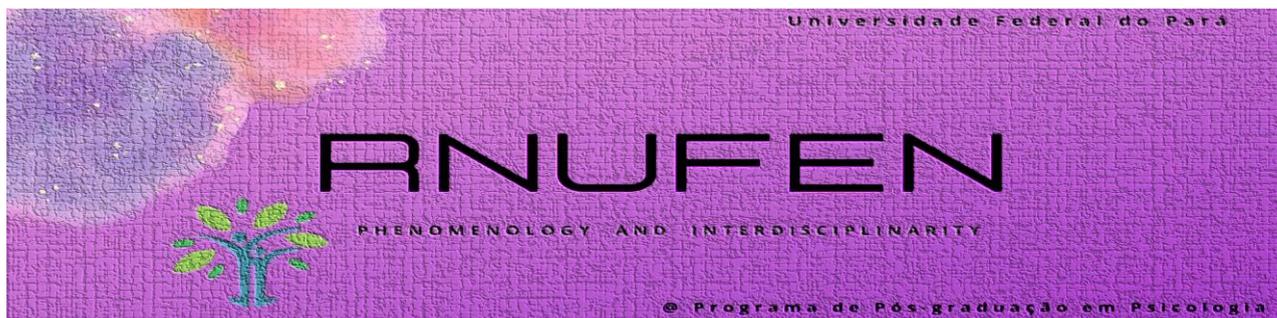
Na literatura há indicações de que os viajantes experimentam o sentimento de pertencimento ao fantástico mundo que vislumbram (Moody, 1979; Ring, 1996). Porém, isto não aparece com clareza nas narrativas de Sônia e de Paulo, ainda que seja possível entrever certa atratividade sentida por eles e a posterior perda do medo de morrer. No caso de Sônia, há um bem-estar naquele lugar de beleza e paz, da primeira experiência, que a conforta diante da iminência da morte (“*Ainda bem que estou aqui!*”). No caso de Paulo, há o impulso para atravessar a barreira, ainda que logo contraposto pelo medo do inferno.

Na comparação dos dois casos, notamos algumas similaridades. Por exemplo, a barreira na borda, a experiência fora do corpo, o contato com seres de outro mundo etc., são eventos comuns e caracterizadores da EQM. Porém, o modo como cada viajante vivencia isso é singular. Ainda assim, quando essas singularidades são apreciadas na totalidade narrativa, que inclui o antes e o depois da EQM, sugerem compartilhamentos importantes.

O tipo de barreira é diferente para cada viajante – no caso de Sônia, é diferente em cada experiência vivida – e como cada um chega a ela não parece ser por acaso. Para quem narra, tudo acaba fazendo sentido. Assim também parece ser o contato com o guia, que desempenha papel importante no desenvolvimento do processo. A história de cada narrador sugere a vivência de um processo de aprendizagem. A EQM surge como deflagrador extraordinário desse processo. O narrador expressa a convicção de ser instado a transformar sua vida, ao perceber-se na iminência da morte. Essa aprendizagem inclui visita às bordas de outro mundo – que se supõe ser o destino do viajante após a morte –, orientação e/ou tutela de um guia e exercícios tais como a levitação, o deslocamento a velocidades extraordinárias, a antevisão, a telepatia etc.

Sobretudo, os conteúdos e as habilidades que se evidenciam na aprendizagem proporcionada pela EQM são relativos à prática da empatia, à capacidade de sentir compaixão e experienciar a proximidade com Deus. Isso aparece com muita clareza quando os narradores relacionam o antes e o depois da EQM. Quatro aspectos subjetivos se destacam na aprendizagem: afetivo (sentimentos, emoções), cognitivo (reflexões, entendimentos), moral (valores) e espiritual (conexão com o divino e com a dimensão transcendente). Esses aspectos subjetivos são mobilizados tanto na ocorrência mesmo da EQM – como a Escala de Experiência de Quase-Morte (Serralta et al., 2010) apreende parcialmente – quanto nas transformações havidas entre o antes e o depois dela. Cabe lembrar que esses aspectos são interrelacionados, indissociáveis e constitutivos da identidade individual.

Os valores em pauta (solidariedade, dignificação do outro e da convivência, conexão com Deus etc.) são humanistas e cristãos. Esses valores apontam para um desenvolvimento espiritual estreitamente vinculado à convivência social. Nesse sentido, a dimensão individual não se separa da dimensão coletiva e, por extensão, da dimensão cultural. Não por acaso, portanto, os dois narradores deste estudo são cristãos e vivem em uma sociedade cada vez mais individualista. Para Gouveia, Guerra, Martinez e Paterna (2004), os valores individualistas já são tão presentes no Brasil quanto os velhos valores coletivistas



historicamente dominantes. O processo de aprendizagem iniciado na EQM parece contrapor-se à exacerbação desse individualismo.

A cultura cristã impregna, com seus signos, as vivências de Sônia na primeira experiência e a EQM de Paulo. Sônia assinala as vestes brancas do seu guia nas bordas do outro mundo, bem como se convence de que ele era um anjo. Paulo, entende, durante a EQM, que está sendo guiado pelo próprio Jesus e, após a incursão às bordas do inferno, sente-se afetado pelo amor divino. Ainda que se configure como desvio do comum, conforme Bruner (2001), a narrativa da EQM guarda certos liames com a cultura dos viajantes, significando que esta mantém resquícios do poder de moldar a percepção dos seus membros, ainda que estes se encontrem em um plano transcendente. Concordamos, pois, com Greyson (2015), quando afirma que as influências culturais não expressam a experiência em si, mas as habilidades do indivíduo para processar e expressar um evento que é amplamente inefável.

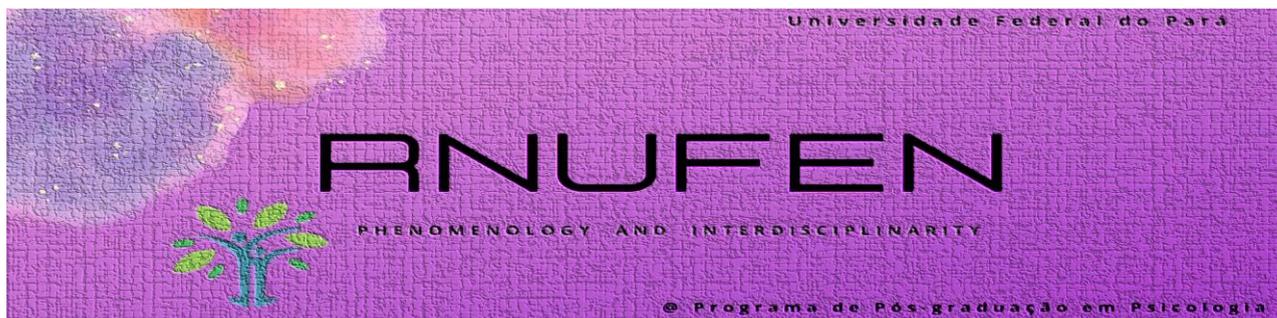
Em síntese, a aprendizagem iniciada na EQM conduz à vivência do amor na relação com outros seres humanos e com Deus. Ainda que seja centrada na experiência de quase-morte, constitui-se como experiência concernente à vida. Os narradores retornam dessa experiência absolutamente convictos de sua realidade e do seu poder transformador, e a mera passagem do tempo não a esmaece em seus registros mnemônicos, que são atualizados de modo vívido e serenamente emotivo. Greyson (2015) sugere que as mudanças humanizantes nos sobreviventes de EQM, em termos de atitudes, valores, percepções, relacionamentos baseados na compaixão e no amor etc., podem ser maiores com o passar do tempo.

Considerações Finais

Ring (1996) argumenta que vai além de Moody (1979), pois não se restringe à EQM em si. O avanço que promove, do seu ponto de vista, decorre de abordar os efeitos posteriores da EQM. Por conseguinte, consideramos pertinente nossa avaliação de que esses efeitos não podem ser suficientemente apreciados se não atentarmos também para o que vem antes da EQM. Isto é, a história que o narrador apresenta não começa na EQM e só é plenamente compreensível em sua totalidade.

O sobrevivente da EQM significa essa jornada como uma chance milagrosa de reorientar a sua vida. A compreensão dessa chance é indissociável da certeza de ser amado por Deus. A emergência desse sentimento parece lastrear uma profunda mudança em seus valores e atitudes, sobretudo na convivência com outros seres humanos. Ademais, vimos que essa jornada, para se completar, pode ter uma continuidade episódica de sentido progressivo, como ocorreu com Sônia, com vias de acesso distintas, como o sono e a parada cardíaca.

Nos dois casos relatados, podemos perceber como a visão de mundo e da vida, com suas nuances morais, são passíveis de questionamento e revisão, retrospectivamente, pelos narradores. Outrossim, eles expressam sentimento de culpa subjacente a essa revisão e a essas transformações decorrentes da emergência da EQM, por suas posições ou ações no passado. Somente nessa perspectiva panorâmica proporcionada pela totalidade narrativa é viável uma compreensão apropriada do processo de aprendizagem que se desenrola constituindo a trama experiencial. Esse processo de aprendizagem, ao longo do qual se desenvolvem competências humanizantes básicas como a empatia e a compaixão, acaba desvelando uma potência ou orientação fundamental na vida dos narradores: o amor. Às vezes, isso vem à tona constituindo um sentido de missão, que é assumida com paixão pelo sobrevivente.



Em outras palavras, o processo de aprendizagem da EQM é fundamentalmente experiencial e orientado para a humanização. Pode ter caráter mais compulsório ou mais marcado pelo exercício da autonomia. Sendo assim, destacamos um achado que julgamos especialmente relevante: o processo decisório pode ser, para o viajante, uma aprendizagem que se desenvolve em experiências transcendentais distintas, com sentido de continuidade progressiva.

A EQM pode ser entendida como um processo de aprendizagem altamente impactante, em termos cognitivos, afetivos e espirituais, pois que opera no limite entre a vida e a morte. Os aspectos positivos e os aspectos negativos podem surgir alternadamente ao longo da mesma experiência. É possível conjecturar que a EQM tipicamente negativa, que inclui vivências infernais e aterrorizantes, tende a se apresentar mais naquele indivíduo cuja constituição identitária é mais recalcitrante, mais refratária a mudanças humanizantes. Contudo, isto demanda que novos casos sejam estudados.

Tudo isso significa que a identidade do indivíduo que passa pela EQM – ou experiência similar – sofre transformações mais ou menos profundas e duradouras, em suas várias dimensões. Essas transformações incluem a compreensão de que sua vida se conecta de alguma forma a realidades extracorpóreas, extraterrestres e extraordinárias – percebidas amiúde como sendo espirituais –, que mobilizam crenças e vinculações religiosas e culturais. Sem dúvida, essas transformações concorrem para que o indivíduo elabore uma visão ampliada da existência humana e atribua novos sentidos à sua própria vida.

Enfim, as narrativas de EQM se configuram como representações de processos extraordinários de transformação psicossocial, ocorridos no limite entre a vida e a morte. Consideramos que estudos como este, ainda que não possam poder de generalização, podem subsidiar, de modo pertinente, psicólogos e outros profissionais que atuem no atendimento a pessoas que tenham passado pelo processo de ressuscitação tendo vivenciado uma EQM.

Referências

- Auxéméry, Y. (2013). The “near-death experience” during comas: Psychotraumatic suffering or the taming of reality? *Medical Hypotheses*, 81, 379-382. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.mehy.2013.05.021>
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. de L. T. (2018). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia* (15ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Braghetta, C. C., Santana, G. P., Cordeiro, Q., Rigonatti, S. P., & Lucchetti, G. (2013). Impact of a near-death experience and religious conversion on the mental health of a criminal: Case report and literature review. *Trends Psychiatry Psychother.*, 35(1), 81-84. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S2237-0892013000100010>
- Bruner, J. (2001). *Atos de significação* (S. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cassol, H., D'Argembeau, A., Charland-Verville, V., Laureys, S., & Martial, C. (2019). Memories of near-death experiences: Are they self-defining? *Neuroscience of Consciousness*, 5(1), 1-9. Disponível em <https://doi.org/10.1093/nc/niz002>
- Facco, E., Agrillo, C., & Greyson, B. (2015). Epistemological implications of near-death experiences and other non-ordinary mental expressions: Moving beyond the concept of altered state of consciousness. *Med Hypotheses*, 1-9. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1016/j.mehy.2015.04.004>
- Fenwick, P. (2013). As experiências de quase morte (EQM) podem contribuir para o debate sobre a consciência? (A. Sleutjes, Trad.). *Rev Psiq Clín.* 40(5), 203-207. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000500006>
- Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 123-131. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000200009&lng=pt&tlng=pt.



Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Martinez, M. del C., & Paterna, C. (2004). O individualismo e o coletivismo como explicadores do preconceito frente aos negros. In Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (Orgs.), *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 161-182). Salvador: EDUFBA.

Greyson, B. (2015). Western scientific approaches to near-death experiences. *Humanities*, 4, 775-796. Disponível em <https://doaj.org/article/c096c2e1613048b8b7599e7e0cad590b>

Haesler, N. T., & Beaugard, M. (2013). Experiências de quase morte em parada cardíaca: Implicações para o conceito de mente não local (A. Stroppa, Trad.). *Rev Psiq Clín.* 40(5), 197-202. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832013000500005>

Khanna, S., Moore, L. E., & Greyson, B. (2018). Full neurological recovery from escherichia coli meningitis associated with near-death experience. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 206(9), 744-747. Disponível em https://journals.lww.com/jonmd/Abstract/2018/09000/Full_Neurological

Martial, C., Cassol, H., Antonopoulos, G., Charlier, T., Heros, J., Donneau, A.-F., ... Laureys, S. (2017). Temporality of features in near-death experience narratives. *Frontiers in Human Neuroscience*, 11, 1-9. Disponível em <https://doi.org/10.3389/fnhum.2017.00311>

Martial, C., Cassol, H., Charland-Verville, V., Pallavicini, C., Sanz, C., Zamberlan, F., ... Tagliazucchi, E. (2019). Neurochemical models of near-death experiences: A large-scale study based on the semantic similarity of written reports. *Consciousness and Cognition*, 69, 52-69. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.concog.2019.01.011>

Moody Jr., R. A. (1979). *Vida depois da vida* (R. Azzi, Trad.). Rio de Janeiro: Nórdica.

Moore, L. E., & Greyson, B. (2017). Characteristics of memories for near-death experiences. *Consciousness and Cognition*, 51, 116-124. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1016/j.concog.2017.03.003>

Nelson, K. R. (2014). Near-death experience: Arising from the borderlands of consciousness in crisis. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1330, 111-119. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25377188>

Netto, A. (2019). Cultura é o que é falado? Relatos de experiências de quase-morte como narrativas de sentido. *Linguagem em (Dis)curso*, 19(2), 325-338. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322019000200325

Ring, K. (1996). *Rumo ao ponto ômega: Em busca do significado da experiência de quase morte* (P. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.

Serralta, F. B., Cony, F., Cembranel, Z., Greyson, B., & Szobot, C. M. (2010). Equivalência semântica da versão em português da Escala de Experiência de Quase-Morte. *Psico-USF*, 15(1), 35-46. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000100005

Souza, L. K. de (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: Conhecendo a análise temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. Disponível em <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67>